



Maçons
são seres
humanos!!!

O Simbolismo
da Romã e da
Colmeia

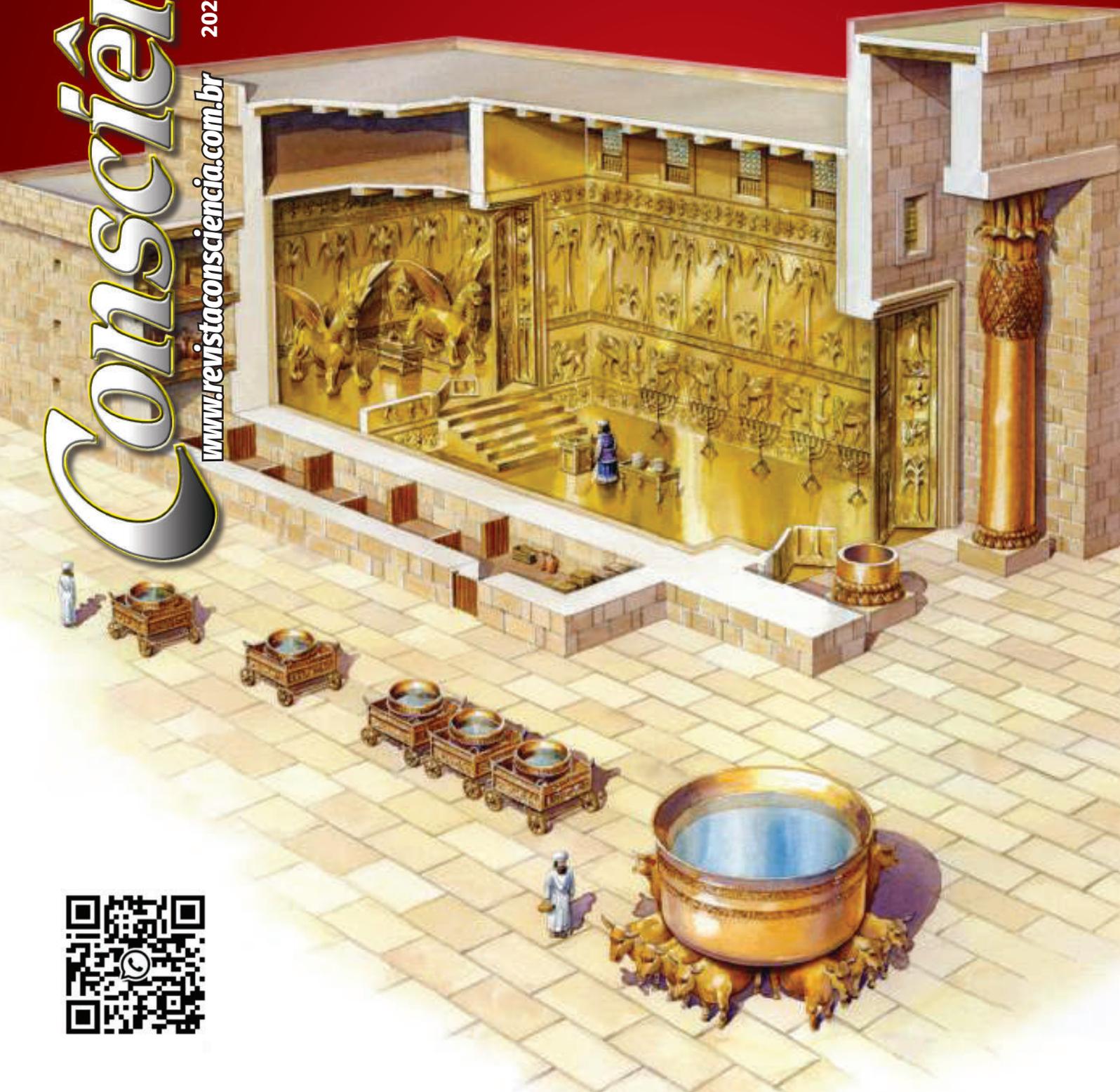
Tributo ao
obreiro útil e
dedicado

Consciência
www.revistaconsciencia.com.br

2021 - Ano 28 - nº 166

Templo de Salomão

...a origem da lenda *pág. 7*





DOURADOS. PREPARADA PARA UM NOVO TEMPO.

Dourados estava com as contas no vermelho e o nome sujo entre os municípios brasileiros. Hoje, não está mais. De uma classificação nota C para capacidade de pagamento, a cidade fez a lição de casa e saltou para nota A. Agora, está preparada para crescer, com transparência, equilíbrio nas contas e responsabilidade.



PREFEITURA MUNICIPAL DE
DOURADOS
Construindo uma nova história

O Eu e o Ego: combater os preconceitos, a ignorância e os vícios!

Estimados Irmãos!

Quando iniciamos em nossa Ordem, como Pedra Bruta que somos, juramos combater os preconceitos, a ignorância e os vícios, e nos deparamos com uma grande dificuldade de separar o “Eu” do “Ego” ao longo de nossa caminhada, na busca de uma vida plena, serena e feliz, dando lugar para o nascimento de um novo homem justo e perfeito.

O “Eu” e o “Ego” estão muito próximos quase que imperceptíveis em certos momentos de nossa vida, que não conseguimos distinguir um do outro. O “Eu” é capaz de reconhecer e agradecer por tudo que temos e recebemos, mas, o “Ego” não. O Ego é um Eu imaginário, ou seja, o Ego é o outro, um eu imaginário criado à imagem e semelhança dos outros.

Como somos imperfeitos, não é mesmo?

O Eu é a personalidade de quem fala; a individualidade metafísica de cada ser humano, constituindo o “Eu interior” que a cada momento é alimentado pela inspiração divina que brilha momentaneamente dentro de nós, nos tornando diferentes, únicos, sem a necessidade de nos espelhamos em outros, sem a necessidade de adotarmos as regras impostas pela sociedade, recebendo a inspiração e fé como alimento e ânimo em nossa caminhada.

O Ego se espelha nos outros, é criado pela sociedade em que vivemos, pelo ambiente que nos circula, pela nossa família, pelos parentes, enfim, o Ego se espelha nos outros, pois é criado em nós pelo ambiente, ou seja, por tudo aquilo que nos cerca ou envolve, é o lugar, o espaço ou o recinto nos quais estamos inseridos, E o conjunto de tudo aquilo que influencia diretamente do mundo exterior, qualquer pessoa, fazendo-o sentir-se importante, especial, útil, e, neste sentido, um ditado popular que conhecemos “Massagear o ego de...”.

Por isso, que precisamos combater os preconceitos, a ignorância e os vícios.

Os **preconceitos** para combatermos conceitos e opiniões formadas antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos, nos induzindo a uma ideia preconcebida, julgando sem se levar em conta o fato que os conteste, a intolerância, a aversão a outras raças, credos ou religiões.

A **ignorância** pela condição de quem não é instruído, a falta do saber, a ausência de conhecimentos, pois quem busca o conhecimento está desenvolvendo o Eu interior, aperfeiçoando sua identidade.

E os **vícios**, tão explícitos nas pessoas corrompidas, desmoralizadas, imperfeitas, pelo descumprimento dos preceitos ou regras.

Por isso meus Irmãos, precisamos desbastar a Pedra Bruta que somos, ou seja, eliminar por completo o Ego que nos rodeia, e tornarmos a Pedra Cúbica, que fará com que nosso Eu interior seja símbolo de elevação moral, assim como a Pedra Filosofal da construção espiritual, que constitui a Grande Obra ou o Aperfeiçoamento Individual que nos conduza a um Estado Superior. ☺

*Irmão
Ademir Batista
de Oliveira*

Diretor e Editor da
Revista Consciência
Loja Oriente Maracaju nº 01
GLEMS - Campo Grande





LOJA MAÇÔNICA VIGILANTES Nº 287

Sob os Auspícios da GLESP

Reuniões às segundas-feira 20:00 horas

Rua da Maçonaria, 68 - São Miguel Paulista - Fone (11) 2956-4643 - Oriente de São Paulo
[Http://lojamaconicavigilantes.Com.Br/nossaloja.Asp](http://lojamaconicavigilantes.Com.Br/nossaloja.Asp)

Editorial

- 3 O Eu e o Ego: combater os preconceitos, a ignorância e os vícios!
Irmão Ademir Batista de Oliveira

Palavra do Grão-Mestre

- 5 Inverno Maçônico
Irmão Sérgio Quirino

Textos maçônicos

- 6 Acácia...
Irmão José Mendes
- 7 O templo do Rei Salomão - a origem da lenda
João Anatalino Rodrigues
- 11 Maçons são seres humanos!!!
Irmão Sandro Pinheiro
- 13 O poder da palavra e as palavras sagradas na maçonaria
Irmão Marcelo Marsiglia Sidoti

- 15 Tolerância não combina com convivência
Irmão Otávio M. Vieira
- 16 Fronteira do amor
Irmão Antônio do Carmo Ferreira
- 18 Todo filho é pai da morte de seu pai
Autor desconhecido
- 20 O Simbolismo da Romã e da Colmeia
Irmão Antonio Felício Netto
- 23 Será que vale a pena?
Irmão Antonio Felício Netto
- 25 São João padroeiro da maçonaria: mas qual João?
Irmão Tiago Oliveira de Castilhos
- 28 Tolerância e hospitalidade
Irmão Vilemar F. Costa
- 29 Tributo ao obreiro útil e dedicado
Irmão Newton de Alcantara Filho
- 30 E o reencontro?
Irmão Heitor Rodrigues Freire

Revista Consciência

www.revistaconsciencia.com.br

CNPJ 02.586.377/0001-08 • Inscr. Estadual 28304576-0

Filiada à ABIM - Associação Brasileira de Imprensa Maçônica com Registro nº 06

Sede Própria: R. Inácio Gomes, 119 - São Lourenço
 CEP 79041-231 - Campo Grande/MS
 (67) 3025-6325 / 3028-3333

DEPARTAMENTO DE VENDAS E RECEBIMENTO DE CORRESPONDÊNCIA
 Caixa Postal 6001 - C. Grande/MS - CEP 79002-971
revistaconsciencia@revistaconsciencia.com.br
ademir@revistaconsciencia.com.br
www.revistaconsciencia.com.br

DIRETOR

Ademir Batista de Oliveira (67) 99911-3636
ademir@revistaconsciencia.com.br

PRODUÇÃO EDITORIAL

E. Figueiredo - Jornalista (MTB 34 947)
 (11) 99355-2505 • efig2005@gmail.com
 Maurício Alves Rodrigues Pugas (Rondonópolis/MT)
 (66) 99984-6789 • mauricio.pugas@hotmail.com

COLABORADORES

A colaboração na Revista Consciência não gera vínculo trabalhista

- Campo Grande/MS
 Osvaldo Freitas (67) 3028-4695 / 99905-3124
- Natal/RN
 Alci Bruno (84) 3234-5909 / 99101-5315
- Divinópolis/MG
 Gabriel Campos de Oliveira (37) 3216-0808 / 99987-7633
- Santa Maria/RS
 Hugo Schimer (55) 3222-0536
- Sinop/MT
 Joel Monteiro Lopes (66) 3531-2650 / 99231-7544
- Rondonópolis/MT
 Cicero Belarmino da Silva (66) 3422-3006 / 99994-8533
- Porto Velho/RO
 Francisco Aleixo da Silva (69) 3229-1556 / 99972-1027

PROJETO GRÁFICO

André da Silva Cerqueira (comp&art) 280721



revistaconsciencia



@revistaconsciencia



(67) 99600-3636 WhatsApp

FOTOS NESTA REVISTA

- Imagens retiradas da internet
- Acervo Santa Casa de Campo Grande
- Acervo Revista Consciência

PROJETO GRÁFICO

comp&art
 editoração eletrônica

comp_art@uol.com.br
 (67) 99983-6214

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Dimperial
 INDÚSTRIA GRÁFICA

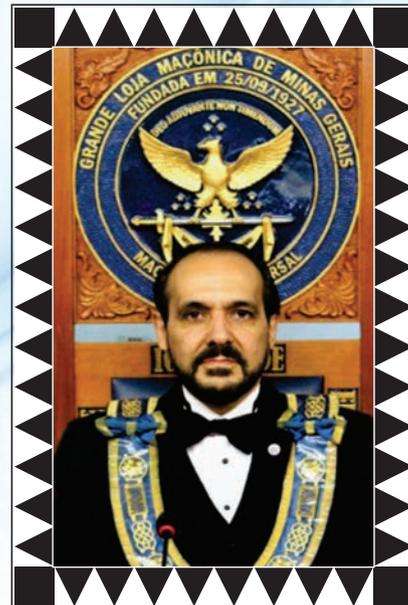
(46) 3547-1327

VEICULAÇÃO NACIONAL



Palavra do Grão-Mestre

Sereníssimo Irmão Sérgio Quirino
Grão-Mestre Eleito GLMMG 2021/2024



Inverno Maçônico

N

o dia 21 de junho, aconteceu no Hemisfério Sul, o Solstício de Inverno. Período propício para diminuir nosso ritmo e nos propormos a reflexão pessoal e interior de nossa vida.

A palavra inverno tem origem no latim “hibernum” e traduz a ideia de baixas temperaturas, assim como a de hibernação, que é o mecanismo desenvolvido por algumas espécies para sobreviverem durante os meses mais frios do ano.

A natureza, Grande Mestra dos homens, revela em seus fenômenos nada mais do que a Sabedoria Ativa do Criador, a nos dar poderosas instruções a partir da observação dos seus reinos.

As árvores perdem as folhas e aparentam estarem mortas. Deste “desprendimento” decorre pelo menos três benefícios: Com menos folhas haverá menor área de contato com os ventos cortantes. As folhas no solo formam um “cobertor” que protegerá as raízes. Quando o inverno se for, estas folhas, se decomporão exatamente no lugar de onde saíram e se transformarão em nutrientes para os novos ramos.

O que este fenômeno nos ensina?

O inverno é o momento adequado para nos desprender de algumas coisas. Assim como a árvore se desprende de suas vestes, é tempo de liberar espaço nos nossos armários e nossa mente. A doação aquecerá nossas raízes materiais e vão nutrir os nossos ramos espirituais.

Observando o reino animal, aprendemos ser o inverno o período adequado ao recolhimento e à quietude de nossa “toca interior”. Nela fazemos as introspecções (presente) do que vivenciamos (passado) para o que desejamos e escolhemos realizar (futuro).

Este é o ciclo da vida! O homem em sua ânsia de tudo classificar criou as estações do ano. O próprio ano é outra convenção criada pelo homem. Estejamos atentos às nossas próprias interações e como reagimos a cada estação interior.

No inverno mantemos os braços mais junto ao corpo, muitas vezes entrelaçados ao peito, nos abraçamos e nos aquecemos com nosso próprio calor. Esses gestos resultam em satisfação e nos traz a sensação de poder. Mas, o poder só é digno quando acompanhado da compaixão.

O Inverno se vincula ainda às três Virtudes Teológicas apresentadas na Escada de Jacó. Fé, muito além da crença religiosa, o vocábulo, do grego, “pístia”, é acreditar. E do latim, “fides” remete à fidelidade. Mesmo quando ocorre o mais rigoroso inverno na vida, acreditamos fielmente que passará e se tornará um aprendizado.

Esperança, não na quietude do esperar, mas no sentimento de que é possível realizar o que desejamos e escolhemos.

Caridade, não como o assistencialismo viciante, mas como atos que perpetuamente trazem benefícios ao próximo.

Atingimos quinze anos de compartilhamento de instruções maçônicas. Nosso propósito fundamental é incentivar os Irmãos ao estudo, à reflexão e tornar-se um elemento de atuação, legítimo Construtor Social.

Sinto muito, me perdoe, sou grato, te amo.

Vamos em Frente! ☺



Acácia ...

Autor: Irmão José Mendes - Mato Grosso

Ah... como te vejo em diferentes formas...
altaneira...suave...bela.
Da janela do meu quarto, vejo-te Acácia.
Compartilho contigo teus estágios
em diferentes mutações das estações.
Perpassam em meus pensamentos
teus valores religiosos,
tua tradição e teus inúmeros símbolos.
Ao contemplar-te recordo do que representou
a arca da aliança, a coroa de espinhos.
Ainda, aquele que foi plantado
no túmulo de Hiram e
todo o pensamento judaico-cristão.
Símbolo solar de renascimentos e imortalidade.
Ao olhar-te percebo a tua fortaleza
ante as vicissitudes da vida.
Sinto tua sede quando todas as tuas folhas
tombam no inverno.
Compreendo que te despedes

para adubar as plantinhas
que nascem ao teu redor e deixar,
por algum período,
que o sol as revitalize com a tua energia.
Estou sempre a reverenciar-te e,
muitas vezes, com sentimento de gratidão
e misericórdia; outras, com ternura, amor e esperança.
Procuro aprender contigo as lições da perseverança
e da obediência às leis naturais que vem transmitindo
através dos tempos.
Aos poucos estou entendendo, com o teu exemplo, que
é preciso saber
morrer para renascer..
a cada estação, a cada emoção,
a cada encontro,
a cada decepção,
a cada sonho
e a cada adeus...
...

O templo do Rei Salomão - a origem da lenda

João Anatalino Rodrigues

<https://www.freemason.pt/o-templo-do-rei-salomao-a-origem-da-len>

As mais antigas referências ao Templo de Salomão, que aparecem em documentos maçônicos, são aquelas referidas no Manuscrito Cooke, datado de 1410.

Esta Old Charge, embora datada do começo do século XV, é uma compilação de tradições orais mais antigas, cultivadas pelos maçons operativos ingleses, o que nos leva a crer que a tradição de utilizar a construção do templo hebraico como alegoria iniciática já era bem mais antiga.

Segundo Lionel Vibert, esta tradição é oriunda da constituição que o rei saxão Athelstan, no século X, outorgara aos pedreiros livres da Inglaterra.

Diz o Manuscrito Cooke que a arte da Maçonaria foi aprendida pelos israelitas quando eles habitaram o Egito. Depois, quando se estabeleceram na Palestina ela foi desenvolvida de acordo com as tradições hebraicas, transformando-se numa arte iniciática, nos mesmos moldes adoptados pelos egípcios.

Com o tempo ela adaptou-se à mística da religião de Israel, no sentido de que se procurava refletir na arte de construir o modelo arquetípico do

universo, segundo entendiam os sacerdotes hebreus que Deus fazia em relação ao mundo.

Segundo aquela Old Charge, foi o rei Davi quem iniciou a construção do templo de Jerusalém.

Salomão deu-lhe continuidade e o terminou.

Diz ainda este documento que Hiram era filho do rei de Tiro. Home observa que o costume de identificar as origens da Maçonaria com os canteiros de obras da construção do Templo de Salomão não era privativo dos maçons ingleses.

As guildas dos pedreiros franceses e alemães também fizeram largo uso dessa tradição.^[1]

Evidentemente, as informações contidas no Manuscrito Cooke não foram inspiradas nos textos bíblicos. Não se encontram ali quaisquer informações nesse sentido. Nem nos trabalhos de Flávio Josefo se encontra qualquer alusão ao fato de ter sido o rei Davi e não Salomão o inaugurador das tradições maçônicas.

É possível que este equívoco se tenha originado no facto da Bíblia atribuir a Davi a intenção de construir um templo para Jeová, embora jamais o tenha levado à cabo.

Ao que parece, os maçons operativos não se importavam muito com a exatidão histórica, pois as primazias de Davi sobre as obras de construção do templo aparecem também em outras Velhas Regras, o que nos leva a crer que tal informação era tida como verídica por eles.^[2]

Praticamente, todas as tradições maçônicas referentes ao Templo de Salomão já constavam das Velhas Regras (Old Charges).



Na sua maioria, estes antigos manuscritos procuram justificar a origem salomônica da Arte Real.

Face a esta verdadeira paranoia dos maçons operativos em ligar a construção do Templo de Jerusalém às origens da Maçonaria, estes documentos só podem ser lidos com a devida reserva, pois veiculam muitas informações contraditórias, e na maioria dos casos, fantasiosas e de difícil comprovação.

Alguns deles, como o Manuscrito Dunfries nº 3, de cerca de 1650, afirma que o Templo de Salomão foi construído a partir das instruções que Deus dera à Moisés para a construção do Tabernáculo e que este foi construído a partir de medidas modulares do cosmo.

Assim, a tradição segundo o Tabernáculo seria uma reprodução do próprio cosmo, e por consequência, o templo de Jerusalém também é uma tradição que tem origem nessa informação.

Daí também a já conhecida tradição maçônica de considerar os seus templos como reprodução do universo.

Já o Manuscrito Dunfries nº 4 dá inclusive o local exato da construção do famoso Templo de Jerusalém, que seria a rocha do Domo, no monte Moriá, onde hoje se ergue a Mesquita de Omar (a da cúpula dourada).

Esta informação é geralmente aceita pela maioria dos historiadores, já que existem provas arqueológicas que a corroboram.

O significado da lenda

O Templo de Salomão, entretanto, é uma alegoria que se presta ao desenvolvimento de várias ideias.

Como simulacro do cosmo, construí-lo significa construir o próprio universo, missão que cabe

ao Maçom, como pedreiro operativo e especulativo.

Por outro lado, edificar uma obra dessa magnitude, com todo o significado que ela encerra, assemelha-se à construção do próprio indivíduo, pois, o homem, como bem ensinou Jesus, é o templo vivo de Deus.

Assim, da mesma forma que os maçons operativos construíam igrejas em louvor a Deus, os maçons especulativos constroem os templos sagrados do carácter humano, também em homenagem ao Grande Arquiteto do Universo, sob cujos auspícios se reúnem em Lojas para “cavar masmorras ao vício e erguer templos à virtude”.

O simbolismo desta parábola é bastante claro para quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir.

Nos graus superiores do Rito Escocês, a alegoria do Templo do Rei Salomão será explorada com mais profundidade para demonstrar que a verdadeira sabedoria é a prática das virtudes que fazem do homem um operário de Deus na terra, construindo o mundo através das suas ações. ^[3]

Esta sabedoria, segundo a tradição maçônica, foi ensinada anteriormente ao próprio Rei Salomão para que ele, através da arte da arquitetura e do comportamento digno de um rei, as transmitisse à humanidade de uma forma insofismável.

Veremos que Salomão falhou neste intento e, em decorrência, o Reino de Israel, organizado por Deus para ser o protótipo do estado perfeito sobre a terra, desmoronou.

Esta é uma lição que tem que estar presente na mente de todo o Maçom: não basta ter sabedoria para construir obras de grande engenho; é preciso que essa obra tenha um espírito, pois é nele que repousa a justificativa da construção e a grandeza do seu construtor.

Dr. Sérgio Caçõo de Moraes

Cardiologista / Ergometria CRM 1939

Dra. Ester dos Anjos O. de Moraes

Endocrinologista CRM 2687

Rua Padre João Crippa, 2018 - Centro - C. Grande/MS

Fones (67) 3383-2453 / Fax 3321-5146

Cels. (67) 99982-7416 / 99221-6897

Atacadão das Tripas

A CASA DO AÇOUGUEIRO • DESDE 1997

DONIZETH

Distribuidor (67) 99649-3129 • jpdonizeth@hotmail.com

Tripas, Condimentos, Embalagens, Peças e Uniformes

Rua 26 de Agosto, 1256 - Centro - C. Grande/MS

Fones (67) 3325-7441 / Fax 3325-7323

A razão da lenda

Pelo relato bíblico percebe-se a razão da escolha do Templo de Salomão para servir de alegoria para o desenvolvimento do catecismo maçônico.

Aquela obra é uma construção que une o sagrado ao profano, que reabilita o homem frente a Deus; ao mesmo tempo, ressalta o valor do trabalho, da organização e da hierarquia.

E na organização dos trabalhadores, na estruturação das profissões, nas próprias tarefas dos obreiros envolvidos na construção, pedreiros, talhadores, fundidores, carpinteiros, espelha-se também o conteúdo iniciático da Arte Real.

Com efeito, nenhuma outra alegoria conviria melhor a uma sociedade iniciática, cujo objetivo era o desenvolvimento de uma filosofia moral e ética destinada à construção do Homem Universal, alicerce de uma sociedade livre, justa, perfeita e feliz, reflexo da realidade divina na terra.

Era uma comunidade assim que se pretendia ter existido outrora.

Para os maçons espiritualistas, era a reedição da civilização que os antigos egípcios teriam herdado dos atlantes e reverenciavam através do culto a Maat, a deusa que representava a harmonia universal. Não seria este também, o sonho de Moisés ao organizar o povo de Israel?

Na verdade, o que era o Pentateuco senão um extenso código de leis, filosofia e preceitos elaborados para a organização de uma comunidade de “eleitos”, ou seja, um povo escolhido por Deus para refletir, na terra, a imagem do reino dos céus?

Destarte, ao elaborar o Decálogo e redigir os fundamentos do Deuteronômio (que os sacerdotes e escribas de Israel viriam a aperfeiçoar e complementar depois), Moisés estava fazendo Maçonaria especulativa, pois tudo isso se destinava a construir o carácter do homem perfeito, o qual deveria ser o homem israelita.

Era, portanto, uma tentativa de voltar ao reino da perfeição e da ordem, que se acreditava existir antes da queda do homem, no Éden.

Afinal de contas, todas as esperanças de humanidade sempre convergiram para esse sonho: um regresso ao velho estado de ordem, justiça, perfeição e harmonia, que um dia existiu no universo, e que permanece na memória celular da humanidade como um arquétipo a ser recuperado.

Este estado perdeu-se na história das civilizações em consequência do orgulho do homem, pois ele, ao adquirir o conhecimento do bem e do mal, pensou poder mais que os deuses.

Amémoria desse estado, entretanto, refugiou-se no inconsciente humano, reprimida pelos apelos à racionalidade e às necessidades da vida profana.

Para recuperá-lo, era preciso reconstruir a sociedade, como já se fizera várias vezes, e continuou a ser feito com a alegoria Templo de Salomão, o qual foi destruído e reconstruído várias vezes.

Para isso, entretanto, era preciso construir um homem novo, regenerado, purgado dos seus vícios, morto para a vida profana, na melhor tradição iniciática, mas regenerado para uma nova vida pessoal e social, baseada numa nova ética e numa nova moral, fundamentadas num humanismo espiritualista que atendessem tanto a razão prática, quanto à sensibilidade mística do homem religioso.

Quando o antigo edifício é derrubado, sobre os seus alicerces se constrói o novo.

Este é o fundamento da alegoria que se presta para o desenvolvimento da metáfora maçônica.

A Maçonaria tem como projeto a construção do novo homem.

Este novo homem seria um Hiram, pedreiro moral, construtor do novo Templo de Salomão, arquétipo da sociedade ideal desejada pelo Sublime Arquiteto do Universo.

Para isso, porém, como a própria tradição iniciática sustentava, e a doutrina cristã confirmava, era preciso que o mestre morresse, para que os seus seguidores nele renascessem como iniciados.

Desta simbologia, que incorpora todas as antigas tradições, desde o mito de Osíris, até o sacrifício de Jesus Cristo, nasceu o Drama de Hiram, que é o Landmark mais significativo de toda a doutrina maçônica. 

[1] Alex Horne, op citado pg. 68

[2] O Manuscrito Downland, datado, provavelmente de 1500, também se refere a Davi como iniciador do Templo e a Salomão como continuador e fundador da Maçonaria como instituição.

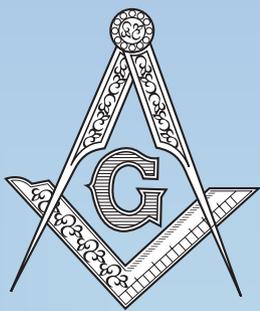
[3] O próprio Jesus se utilizou deste simbolismo para falar de si mesmo e da sua promessa de ressurreição, “destruí esse templo”, disse ele, “e eu o reconstruirei em três dias”.

Jesus falava da destruição do seu corpo, pela morte que o esperava, e a sua ressurreição após os três dias que passaria no túmulo.

Para os cristãos, no entanto, a prática das virtudes cristãs exige um processo de morte psíquica e reconstrução do carácter, que se assemelha ao processo escatológico vivido por Cristo.

Daí a Maçonaria derivou o seu próprio processo de regeneração moral, adotando uma simbologia bastante semelhante nos seus rituais de iniciação.

A correlação é evidente demais para que as influências possam ser negadas.



Alfaias *Consciência*

Aventais de todas as
POTÊNCIAS, RITOS E GRAUS,
A pronta entrega e sob encomenda



Paramentos de todas as
POTÊNCIAS, RITOS E GRAUS,
A pronta entrega e sob encomenda



www.revistaconsciencia.com.br
(67) 3025-6365 / 3028-3333 / 99600-3636[©]

Maçons são seres humanos!!!

Irmão Sandro Pinheiro

Loja Flauta Mágica do Rio de Janeiro nº 170
Grande Loja do Estado do Rio de Janeiro RJ - Rio de Janeiro/RJ

E como tal, devem se comportar! Se, seres humanos, somos passíveis de falha. Buscadores de Conhecimento como todos os seres humanos.

Sujeitos a acertos e erros como qualquer ser humano.

Porém, o que em um não iniciado é uma qualidade rara, no Maçom deve ser o cumprimento de um Dever, sendo útil, sem jamais, tirar proveito.

Os que usam de dissimulação para entrar na Ordem, renegando propósitos como: obter proveitos e vantagens, para serem admitidos, se decepcionarão quando perceberem que a Maçonaria consiste em estudar, ler, elaborar trabalhos, auxiliar os necessitados, mudar as condutas inadequadas, tornando-se mais virtuoso.

Um dos Bons Mestres com quem tive a satisfação de conviver (já partiu para o Oriente Eterno), disse, certa vez:

- A Maçonaria é a única escola que concede um grau antes de ministrar as lições.

E isso, faz com que, grande parte dos iniciados, não entende a diferença entre receber o Grau e concluir o Grau.

Só podemos nos considerar aptos ao final de cada ciclo.

Além de checarmos quantas lições foram ministradas e respondidas, no tempo transcorrido, seria indispensável avaliar que transformações aconteceram no modo de proceder dos irmãos.

São elementos de concórdia?

Demonstram com suas ações que entendem que líderes jamais impõe sua vontade?

São tolerantes e tem clara noção dos seus próprios limites?

Dedicam-se ao estudo e a pesquisa com

afinco?

Possuem disciplina e perseverança para aprender e sabedoria para ensinar?

As belas palavras são condizentes com atitudes de mesmo valor?

Entende que mais do que proferir belos discursos é preciso saber quando, se, o que e como falar; sendo moderado com os menores, prudente com os maiores, sincero com os iguais, manso com os que sofrem, sempre de acordo com os princípios da sã moral?

Conhece e aceita suas limitações e, dia após dia, trabalha no mármore para retirar as arestas, uma a uma, com cuidado para não estragar a obra?

Entende que liberdade ao extremo, se torna libertinagem; que ausência de liberdade, se transforma em escravidão e que, somente pode ser benéfica, a liberdade que se associa a responsabilidade?

E ainda, para que seja considerado apto a subir os degraus da escada:

Deve gozar a vida com moderação e sem ostentações.

Ter devoção à pátria e imenso amor à família, aos irmãos e à humanidade.

Precisa ter disposição indomável para combater sem tréguas o vício, a corrupção, o crime, a intolerância e, principalmente, as suas próprias ambições pessoais.

Ser misericordioso, filantropo, inclinado a compaixão e predisposto a empatia.

Respeitar o seu próximo, independente, de cor, posição social, credo ou idealismo político, bem como à natureza e aos animais.

Amparar e ouvir os seus Irmãos, guardando como segredo de confissão as suas fraquezas e enaltecendo, para todos, as suas virtudes.

Precisa gostar da filosofia maçônica, conhecer profundamente a sua liturgia e ritualística, combatendo o obscurantismo, a intolerância, o fanatismo, as superstições, os preconceitos, os erros, as más lendas e invencionices maçônicas.

Ter uma espiritualidade rica e pureza de sentimentos, que justifiquem a honra de revestir-se de aventais e receber títulos, cargos e graus, ciente de que os paramentos devem adornar as virtudes e não, o corpo físico.

Do passado: ser versado em História da Maçonaria, saber suas origens, leis, usos e costumes; no presente: estar disposto a escrever novos capítulos, atuando como construtor social, objetivo primordial da Ordem, para colaborar com o progresso da humanidade.

E percebo que meu Mestre descobriu o Segredo, alcançando a Sabedoria.

O grande Segredo da Maçonaria é o processo interior que permite a transformação das trevas da ignorância em luz do conhecimento.

O grande Segredo da Maçonaria é que ela oferece a oportunidade para que um ser humano falho e com defeitos, possa aperfeiçoar seu caráter.

O grande Segredo da Maçonaria é que ela oferece as ferramentas e ensina como utilizá-las.

Agora meus amados irmãos, “O maior segredo da Maçonaria é que para elaborar uma obra quase perfeita é preciso trabalhar com afinco, paciência, perseverança, disciplina, no bloco informe e bruto que cada ser humano representa.

Simple assim!!!

Mas tornamos tal missão de difícil labor, pois somos a própria matéria prima a ser lapidada, e de maneira diária e continuamente, pois :” SOMOS SERES HUMANOS, apesar de filhos de uma DIVINDADE SUPERIOR, Nosso DEUS!!, e não estamos aqui por acaso!!

O trabalho é árduo, diuturno, construtivo.

A perfeição somente é alcançada, degrau por degrau! 

Adaptado do Blog arte Real!



SOM • LUZ • ESTRUTURAS • PAINÉIS DE LED'S

Casamentos, Aniversários, Formaturas, Shows, Desfiles, Eventos Corporativos

O poder da palavra e as palavras sagradas na maçonaria

Irmão Marcelo Marsiglia Sidoti
Loja Ypiranga 83
Cruz da Perfeição Maçônica, Brasil

Disse Deus: "Faça-se a Luz, e a Luz se fez." Ao abordar, ainda que timidamente, o tema do poder da palavra, me deparo com a história da Criação, com os muitos mistérios contidos nos símbolos, passo pela abordagem ocultista dos campos de vibração e simultaneamente com a eficácia dos rituais, meto-me na tradição do longínquo Oriente e suas formas manifestas através dos mantras, vindo pouco a pouco a entender um pouco mais das palavras sagradas na Maçonaria Cósmica.

Talvez seja impossível, para nós Ocidentais, iniciar um pequeno estudo que seja sobre o poder da palavra sem nos remetermos imediatamente ao "Fiat Lux" contido no Gênesis. E começo pelo Fiat Lux, porém não posso parar por aí. Para aqueles, fiéis ou estudiosos do Antigo Testamento, o Gênesis, do início ao fim, trata de um diálogo, conversa, entre o Deus Manifesto (GADU) e seus agentes.

A Obra da Criação, de forma alguma é realizada no silêncio absoluto, senão que este silêncio primordial, é o pano de fundo que possibilita ouvir a Voz do Criador, do Geômetra. Note que, a única Voz é a de Deus sendo que Ele manifesta a criação através de algo (Elohim) além dele próprio, senão que sentido haveria em dizer: Faça-se a Luz, Ele simplesmente pensaria a criação e ela estaria criada. E não haveria ruído algum...

Posso tentar entender isto da seguinte forma:

1. O pensamento (vibração potencial) necessita ser Verbalizado (vibração dinâmica) caso contrário não existe a Manifestação.

2. A verbalização, para que possa ser entendida, necessita de quem A Escute. A Primeira

atitude do Criado, portanto, é Escutar.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Nesta passagem retrata-se a possibilidade, o potencial, porém, efetivamente nada havia sido realizado. O Verbo só pode manifestar-se no momento da Diferenciação Divina, onde o Um torna-se Dois e neste instante materializa-se.

Concluo que, a verbalização é o ato de Criar e nele, neste processo, existe um Emissor e um Receptor. Sem os Dois, o Um não Verbaliza e, portanto nada Cria.

Seguindo pelos campos da Vibração, rememoro o poder contido nos símbolos sagrados.

Os antigos, sabedores que eram do imenso poder contido na Palavra e, a fim de, por um lado, levar aos profanos a Sabedoria Divina e, por outro, velar as palavras para que não pudessem ser utilizadas de maneira leviana, criaram os símbolos.

Em linhas gerais, os símbolos são representações (vibração) de grandes verdades e possuem um poder oculto (vibração) que é manifestado pelo Iniciado através do uso de palavras adequadas.

Todo e qualquer Rito, utiliza-se dos símbolos, formas brandas do verdadeiro conhecimento e mais, se mantiveram mais ou menos intactos o porquê deste uso dos símbolos, utilizam-se das palavras e tons adequados gerando grande energia e Poder.

Muito comum, por exemplo, o uso do tom "Fá" nas Orações e Preces.

Os rituais, símbolos e signos que são do Poder do Mais Alto, têm sua eficácia garantida quando, através de postura adequada, palavras certas e

tom apropriado revivem a luz do dia. Aliás, talvez existam poucos exemplos mais belos e antigos do que os mantras do hinduísmo ou bramanismo. Estes se constituem em verdadeira chave de poder, induzindo a um estado de consciência em particular e desenvolvendo características no estudante ou devoto.

Os Mantras, fórmulas repetitivas, justamente unem em si três elementos formidáveis: a vibração, a repetição da vibração e a atitude mental. Com eles, pode o ser humano retrabalhar inclusive traços do que considera “seu jeito de ser” e que na verdade se trata apenas de sua personalidade corrente.

Atualmente, os mantras são utilizados largamente em muitas escolas e/ou religiões, com outras palavras diferentes. Não obstante, o uso de palavras antigas terem uma eficácia fantástica, podemos utilizarmo-nos de, por exemplo, uma curta oração que atinja nosso coração e enleve nossa alma e repeti-la, bem baixinho, na nota “Fá” durante algum tempo. O efeito ao longo do tempo será sem dúvida maravilhoso.

A Maçonaria, talvez mais do que qualquer outra Ordem, possui em sua essência e formação a Palavra e a Divina Vibração oriunda dela.

3. Na História que conta a morte do Mestre Hiram, os assassinos, os profanadores, tentaram tomar-lhe, a todo custo, a Palavra. Mestre Hiram morreu ao que parece sem revelá-la. Note-mos aqui o Poder de quem detém a Palavra e, a angústia daqueles que fracos de caráter, nunca poderão obtê-la. E não podendo obtê-la (pois na verdade não sabem onde procurá-la) desejam matar quem a detém. Morre porem o detentor da Palavra, mas nunca a Palavra!

Nesta história, o Mestre de Todos os Maçons, cioso do poder da Palavra, deu-a como Perdida e recria o Mito de posse de outras palavras, mais humanas, mais comuns. Lembremos que, nossa mística missão é recuperar a Palavra Perdida e dá-la, neste novo ciclo que ora inicia-se à verdadeira Humanidade.

Outro exemplo da cerimônia que encerra a Palavra na real Ordem, é o Ritual de Instalação da Loja que antecede todas as nossas sessões. Do Venerável, guardião do Delta Luminoso, emana a Palavra que, de Irmão em Irmão, por ele designado, chega até o Segundo Vigilante que retorna aclamando: “Tudo esta Justo e Perfeito”. Só após isso é que o Venerável invoca o Grande Arquiteto do Universo, pois a Palavra criou “o pano de fundo” apropriado a um trabalho de Ordem Superior.

O uso dos malhetes e sua peculiar vibração também é exemplo de Palavra e Poder. Desta feita, a palavra não é dita com os lábios, mas sim, vibradas nos ritmos apropriados do “bater dos martelos”.

A Palavra de Passe do Grau 2, por outro lado, cumpre 2 funções, sendo a primeira e mais importante, a de criar, sonoramente, certa predisposição mental no Irmão que a profere e, em segundo lugar por sua peculiar forma de ser pronunciada remete-nos ao Livro dos Juizes, no Velho Testamento, na Batalha entre os Efraimitas e os Galeaditas.

Inúmeros são os exemplos que aqui poderíamos colocar, porém exigem outro espaço em outro momento.

O importante e fundamental é termos claro que a vibração tornada palavra torna o Mundo que conhecemos tal qual ele é. Vejam só a nossa imensa responsabilidade. Sem dúvida, por isto mesmo, é que a primeira Lei Oculta seja: Calar e Escutar. 



CONCEL
CONCERTOS ELETRÔNICOS

 (67) 999339530

 RUA BARÃO DE MELGAÇO N° 420
ESQUINA C/ PADRE JOÃO CRIPPA

 ORLANDOALVESRIB@GMAIL.COM



Viaje Turismo 

Alessandra Leite Duailibi
67. 99202-3287
alessandra@viajemaistur.br
Rua da Paz, 487 - Campo Grande/MS
(67) 3211.7160 | 3211.7162
 @viajemaisturismo
www.viajemaistur.br



Viva o Inesperado.
Crie memórias. Viaje.

Tolerância não combina com convivência

Irmão Otávio M. Vieira

Uma das palavras mais ouvidas e lidas no mundo maçônico é a tolerância. O maçom é um Ser livre, ou seja, livre pensador, livre caminhante e de bons costumes, que significa ético, buscador de uma moral mais espiritualizada. No convívio em loja, nos deparamos com situações incongruentes com os ideais da Arte Real e, muitas vezes, nos calam por conformismo, passividade, “politiquice”, ou ainda nos escudamos na tolerância erroneamente compreendida.

Reconhecendo nossa própria mortalidade e pequenez, somos capazes de tolerar a falta de cultura do irmão por entendermos que em nosso país o acesso aos livros é privilégio de poucos, porém, não devemos nos abster de estimulá-lo a leitura (dando textos, emprestando livros, orientando em pesquisa, etc.)

Devemos tolerar as faltas dos Irmãos que comprovadamente estão impossibilitados de comparecer por motivos justos (doença e trabalho), entretanto não ser coniventes com omissões e malandragens. O maçom tem que ter palavra. No questionário de proposta, ele se comprometeu em ter pelo menos uma noite livre. Ele é um dente na engrenagem e sua falta afeta em vários prismas (formação da egrégora, composição dos cargos, comparecimento no tronco e mal exemplo). Você não acha? Então descruze os braços e tome uma atitude, pois quem cala consente.

E nos metais? Quanta inadimplência! Como iremos tolerar o Ir\ que alega não contribuir por falta de dinheiro, crise no setor profissional,

doença do sobrinho, mas quando observamos suas doações nos bares, sua vida regada num universo de soberba e hedonismo nos questionamos. O não contribuir neste caso, é trair o compromisso com a loja, é jogar na lama a palavra que deu no momento de sua iniciação.

Vamos ter mais atenção e critério ao escolher nossos “afilhados”. Vejamos como procede em sua casa e no trabalho, observemos sua postura nos relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, sua atitude em grupo. A maçonaria é antes de tudo, uma equipe. Sondemos, investiguemos com profundidade e só depois apresentemos sua pré-proposta. Caso falhemos, não o iniciemos, caso já seja iniciado, não o elevemos, caso seja elevado, não o exaltemos e caso já seja um mestre, o cobriremos a bem da Arte Real. Lugar de Maçom é em Loja. Ao profano de avental, tchau e um abraço...

Para ser um bom Venerável Mestre não é necessário elevar x, exaltar y, etc. não se mensura uma administração por isso, entretanto pela qualidade de maçonaria que desenvolveu.

Não deve haver dois pesos e duas medidas (pau que dá em Chico se dá, também em Francisco).

A maçonaria enquanto filosofia, ideal e propósito é a flor mais bela no jardim do Grande Arquiteto do Universo. Regue-a com justa medida, amor e respeito.

Obrigado, Grande Arquiteto do Universo pelo privilégio de poder colocar três pontos no final de minha assinatura. ©

Seja um consultor da
Revista Consciência
em sua cidade.



Fronteira do amor

Irmão Antônio do Carmo Ferreira
Grão-Mestre do Grande Oriente de Pernambuco
COMAB – Recife/PE

Reza o novo Testamento que Paulo, escrevendo aos Romanos, incluiu, em sua epístola, recomendação de Jesus Cristo a respeito do mandamento do amor (Rom 13, 9). Sobre o mesmo assunto, também se tratou no Evangelho segundo Lucas (Lê 10, 27). O apóstolo Paulo retoma a exaltação ao amor em sua carta aos Coríntios, e diz que ele supera a fé e a esperança, juntando-se às duas, com as quais formam as três virtudes principais (I Cor 13, 13).

A exegese destes textos aguça a atenção para umas espécies de limite que parecem ser dadas ao amor. Assim o amor a Deus é infinito. Pois a Deus se ama sobre todas as coisas. "Deus é amor" e por ele nos concedeu a vida.

O Segundo mandamento é que "amarás o próximo como a ti mesmo". Este "a ti mesmo" é uma fronteira que precisa ser mais examinada. Escreve Erick Fromm, em seu livro "Arte de Amar" (Editora Itatiaia Ltda., belo Horizonte/MG). Que o problema no exercício dessas "artes", reside em que se deseja ser amado, mas há um esquecimento quanto á correspondência em dar amor.

Amar a si próprio é preciso. Não confundir, porém, com a morbidez do egoísmo, tão em voga entre os que ambicionam lugares e posições, ainda que para isto tenham que difamar caluniar, macular conceitos e até, no embato de tal loucura, eliminar vidas. "O amor não pratica o mal contra o próximo" (Rom 13, 10).

A humanidade precisa, com a maior urgência, debruçar-se sobre a cultura deste segundo

mandamento ou, pelo menos, as pessoas não quem que lhes faça.

Também não vamos estabelecer restrições ao significado da palavra "próximo". Dado que já houve grupo para quem "próximo" era o companheiro de seita; era o companheiro de seita; era o confrade de clube; era irmão de sangue. Ao contrário de todas estas maneiras restritas de entender, o Salvador deu sua vida pelo AMOR, não somente á família que O teve, a seus apóstolos, mas a toda a HUMANIDADE.

Louvo a Ordem maçônica que tem o divino objetivo de envidar esforços, no sentido de tornar feliz todas as pessoas – a humanidade.

O maçom, no exercício da missão para a qual foi formado, é seu agente. Destina-se a ser o construtor desta nova sociedade, em que o amor é a ponte que aproxima as pessoas. Amar a Deus, e amar o próximo, onde se incluem a família, a pátria e a si próprio, são os ensinamentos desta escola admirável, como são os compromissos do maçom.

Não há uma passagem sequer nos ensinamentos da Maçonaria que não sejam de exaltação ao amor. Da necessidade de amar.

Memorizei e não esqueci jamais esta declaração de Frei Caneca, em sua X Carta a Damão, missivas que o Frei assinava como Pítia. Declarou: "... os estatutos maçônicos são extratos dos Evangelhos, senão uma história de AMOR não a uma porção, mas a toda a Humanidade?

Que o grande Arquiteto do Universo nos ilumine neste entendimento. ☺


Irmão Fábio BRANDÃO
Vendas Técnicas
Mato Grosso do Sul
Kingspan Isoeste
fabio.brandao@isoeste.com.br
+55 (67) 99802-0475
+55 (62) 4015-9529
kingspan-isoeste.com.br
Anápolis/GO - Brasil
R. VP 5D Qd. 08 Mod.14/16 - DAIA
Distrito Agroindustrial de Anápolis
CEP 75.132-120


Rainha Construtora Ltda.
rainhaconstrutoraltda@gmail.com
CNPJ-03.966.620/0001-78
Deus acima de tudo!
• Terraplanagem
• Pavimentação
• Locação de Máquinas
• Drenagem
• Construção civil
Nilton Marin Rodrigues
Sócio Proprietário - CREA 4845-D/MS
67 99976-9998


Rainha Construtora Ltda.
rainhaconstrutoraltda@gmail.com
CNPJ-03.966.620/0001-78
Deus acima de tudo!
Rua: Bahia, 938 - Apt. 1104
Edifício Central Park
CEP-79.002.530 -
Campo Grande - MS
E-Mail: rainhaconstrutoraltda@gmail.com

Grande Oriente do Brasil Mato Grosso do Sul



• Campo Grande

Santa Casa de Campo Grande - MS



No dia 15 de maio de 2021, a Santa Casa de Campo Grande recebeu uma doação feita pelo Grande Oriente do Brasil - Mato Grosso do Sul juntamente com a Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul do GOB-MS. A Instituição recebeu 12 unidades no valor de R\$ 11.040,00 e a doação faz parte da Campanha de Arrecadação de Cadeiras de Banho realizada pelo Setor de Captação de Recursos e Eventos cujo objetivo foi o de suprir a necessidade deste equipamento para os pacientes aqui internados, principalmente, nas Enfermarias de Ortopedia. Estiveram presente na entrega ao Presidente da Santa Casa, Irmão Heitor Rodrigues Freire, membros da Diretoria Corporativa, o Irmão Celestino Laurindo Jr., Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil - GOB-MS), a Cunhada Beatriz Bleyer Presidente da Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul, e os Irmão do GOB-MS que fizeram parte desta comitiva; Carlos Resende (Tesoureiro do GOB-MS), Neimar de Jesus A. Dos Santos, Secretário Estadual da Guarda dos Selos - GOB-MS e o Elton Zeferino, Venerável Mestre da Loja Cavaleiros do Sol nº 3.195.

#doação #maconariams #santacasadetodos

Grande Oriente do Brasil



• Maringá/PR

Loja Maringá nº 3336 - Benfeitora da Ordem



O Irmão Gustavo Adolpho Procópio Ferreira presidiu a Instalação e posse do novo Venerável Mestre Irmão Dagoberto de Souza Junior, e este logo a seguir deu posse a sua nova Diretoria. O Novo Venerável Mestre, teve a honra de entregar uma pequena e singela lembrança ao Ex Venerável Mestre e Mestre Instalador deste dia uma placa e um mimo, como reconhecimento dos Irmãos do quadro da Loja Maringá, pelos seus relevantes trabalhos à frente daquela Oficina na gestão 2019-2021. Esteve presente o Representante do Grão-Mestre irmão Luís Mário Luchetta, o Irmão José Carlos Martins, e Coordenador Regional da 10ª região dos Graus Filosóficos do GOB-PR.

Todo filho é pai da morte de seu pai

Autor desconhecido

Há uma quebra na história familiar onde as idades se acumulam e se sobrepõem e a ordem natural não tem sentido: é quando o filho se torna pai de seu pai.

É quando o pai envelhece e começa a trotar como se estivesse dentro de uma névoa. Lento, devagar, impreciso.

É quando aquele pai que segurava com força nossa mão já não tem como se levantar sozinho. É quando aquele pai, outrora firme e intransponível, enfraquece de vez e demora o dobro da respiração para sair de seu lugar.

É quando aquele pai, que antigamente mandava e ordenava, hoje só suspira, só geme, só procura onde é a porta e onde é a janela - tudo é corredor, tudo é longe.

É quando aquele pai, antes disposto e trabalhador, fracassa ao tirar sua própria roupa e não lembrará de seus remédios.

E nós, como filhos, não faremos outra coisa senão trocar de papel e aceitar que somos responsáveis por aquela vida. Aquela vida que nos gerou depende de nossa vida para morrer em paz.

Todo filho é pai da morte de seu pai.

Ou, quem sabe, a velhice do pai e da mãe seja curiosamente nossa última gravidez. Nosso último ensinamento. Fase para devolver os cuidados que nos foram confiados ao longo de décadas, de retribuir o amor com a amizade da escolta.

E assim como mudamos a casa para atender nossos bebês, tapando tomadas e colocando cercadinhos, vamos alterar a rotina dos móveis para criar os nossos pais. Uma das primeiras transformações acontece no banheiro. Seremos pais de nossos pais na hora de pôr uma barra no box do chuveiro.

A barra é emblemática. A barra é simbólica. A barra é inaugurar um cotovelo das águas.

Porque o chuveiro, simples e refrescante, agora é um temporal para os pés idosos de nossos protetores. Não podemos abandoná-los em nenhum

momento, inventaremos nossos braços nas paredes.

A casa de quem cuida dos pais tem braços dos filhos pelas paredes. Nossos braços estarão espalhados, sob a forma de corrimões.

Pois envelhecer é andar de mãos dadas com os objetos, envelhecer é subir escada mesmo sem degraus. Seremos estranhos em nossa residência. Observaremos cada detalhe com pavor e desconhecimento, com dúvida e preocupação. Seremos arquitetos, decoradores, engenheiros frustrados. Como não previmos que os pais adoecem e precisariam da gente?

Nos arrependemos dos sofás, das estátuas e do acesso caracol, nos arrependemos de cada obstáculo e tapete.

E feliz do filho que é pai de seu pai antes da morte, e triste do filho que aparece somente no enterro e não se despede um pouco por dia.

Meu amigo José Klein acompanhou o pai até seus derradeiros minutos.

No hospital, a enfermeira fazia a manobra da cama para a maca, buscando repor os lençóis, quando Zé gritou de sua cadeira:

— Deixa que eu ajudo.

Reuniu suas forças e pegou pela primeira vez seu pai no colo.

Colocou o rosto de seu pai contra seu peito.

Ajeitou em seus ombros o pai consumido pelo câncer: pequeno, enrugado, frágil, tremendo.

Ficou segurando um bom tempo, um tempo equivalente à sua infância, um tempo equivalente à sua adolescência, um bom tempo, um tempo interminável.

Embalou o pai de um lado para o outro.

Aninhou o pai.

Acalmou o pai.

E apenas dizia, sussurrado:

— Estou aqui, estou aqui, pai!

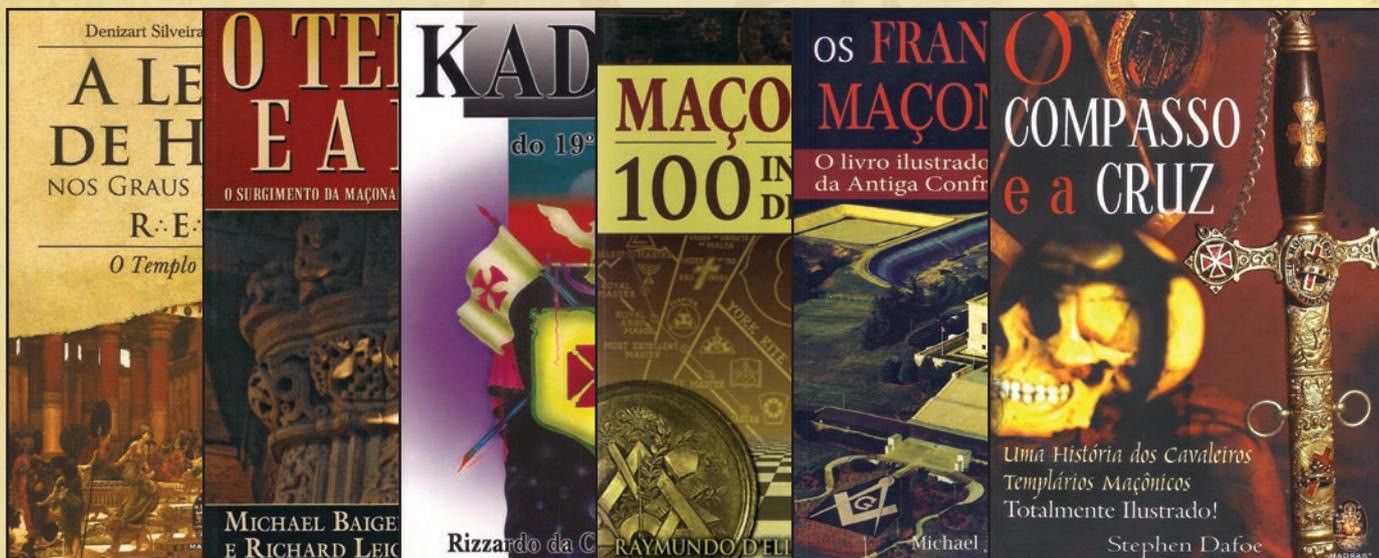
O que um pai quer apenas ouvir no fim de sua vida é que seu filho está ali. 

Adquira seu livro visitando nosso
Site www.revistaconsciencia.com.br

Livraria *Consciência*

R. Inácio Gomes, 119 - São Lourenço - CEP 79041-231

Fones (67) 3025-6325 / 99600-3636



O Simbolismo da Romã e da Colmeia

Irmão Antonio Felício Netto

Loja União e Fraternidade VI nº 6

Grande Oriente de Mato Grosso do Sul

Membro da Academia Maçônica de Letras de Mato Grosso do

Sul – Cadeira Nº 17

A Romã. Segundo pesquisadores a Romã, em hebraico Rimmôn, é uma fruta que provém do Oriente Médio.

Na Palestina, onde esta pequena árvore cresce silvestre coincidentemente, existem três cidades com o nome desse fruto, Rimon, Gate Rimon e En-Rimon. Considerando a origem da Romã com sendo hebráica, nada melhor, para a compreensão inicial, que recorreremos às Sagradas Escrituras. Nos textos bíblicos a Romã aparece no Velho Testamento 11 vezes e está associada à fecundidade e a nobreza.

Quando os judeus chegaram à terra prometida, após abandonarem o Egito, os 12 espias que foram enviados para aquele lugar voltaram carregando romãs e outros frutos como amostras da fertilidade da terra que Javé prometera. Ela estava presente nos jardins do Rei Salomão. Foi cultivada na antiguidade pelos fenícios, gregos e egípcios. Em Roma, a romã era considerada nas cerimônias e nos cultos como símbolo de ordem, riqueza e fecundidade.

Analisando a Romã tem o seu formato arredondado, sua casca é lisa e manchada na coloração mista do vermelho com o verde e possui mancha amarelada, tem o seu interior subdividido por finas películas, que formam pequenas sementes possuidoras de uma polpa de sabor agridoce.

Na parte oposta ao pedúnculo que se prende ao ramo, apresenta uma coroa formada de pequenos triângulos, e no seu centro, restos de pistilos secos de sua flor. Essa flor é de cor escarlate e composta de três pétalas carnosas que após desabrochar completamente dão lugar a uma rosácea de cinco pétalas; curiosamente, ao formar o fruto, surgem mais duas pétalas que se mantêm envolvidas pela coroa, secando paulatinamente até ao

completo desenvolvimento do fruto.

A casca é grossa e robusta; quando bem maduro o fruto rompe-se, pondo à mostra alguns grãos; quando colhida e deixada em lugar quente, a Romã seca lentamente; não apodrece; e mesmo seco, o fruto é utilizado, pois os seus grãos apresentam-se mais doces ainda. O interior apresenta duas câmaras: a alta que contém cinco celas onde se espremem dezenas de grãos, e a câmara baixa, que se apresenta da mesma forma; os grãos têm no centro, uma diminuta semente branca e ao redor uma grande parte carnosa e transparente, nas colorações que partem do rosa pálido ao vermelho rubi. Essa parte interna lembra os favos de mel; as celas são divididas por uma espécie de cortina branca e leve.

Essa película resistente é amarga, como o é toda a casca exterior, possuindo propriedades medicinais; pela grande quantidade de tanino que contém, é usada como adstringente para diarreia; a casca, em forma de chá é um excelente vermífugo. Os grãos são saborosos, podendo ser ingeridos agrupados. No Oriente, esses grãos macerados produzem um líquido que fermentado resulta em vinho que dizem ser afrodisíaco.

Um fato interessante é a organização dos grãos que são envolvidos pela polpa formam pequenos polígonos lustrados, que em uma perfeita junção formam o fruto, de maneira que na retirada de apenas uma semente o seu formato é desfigurado.

A Romã na Maçonaria

A Romã entra na Maçonaria através das Colunas B e J; ambas são encimadas por três romãs semi-abertas.

A Loja é um conjunto de Maçons, tem a dimensão da Terra que vão do Oriente ao Ocidente,

Norte e Sul, do Céu a Centro da Terra. Enquanto cada romã representa a Loja e sua universalidade, as sementes representam os Maçons. A união destas sementes é o simbolismo de uma família unida e solidária, que deve reinar dentro das Lojas. O simbolismo da Loja-Romã-Universo lembra que esta família unida e solidária deverá ser oferecida sempre como o exemplo de fraternidade a ser seguido não somente pelos Maçons, mas por todos [TR1].

Os grãos da Romã, mergulhados na sua polpa transparente, simbolizam os maçons unidos com a energia e a força necessárias para realizarem o trabalho da construção de uma sociedade melhor, que só é possível quando vencemos nossas paixões, expurgamos o orgulho de nossos corações e ombreados tomamos ações para o crescimento individual e consecutivamente ocasionando em efeitos positivos na sociedade que estamos inseridos.

A Colméia

Colméia é o nome dado a uma colônia de abelhas ou ao abrigo construído para ou pelas abelhas. As abelhas utilizam a colméia para abrigar sua progenitura, criá-las e estocar o mel. Uma colméia geralmente possui milhares de abelhas, que trabalham no mesmo propósito.

A abelha e as colméias durante muito tempo foram símbolos da indústria e da regeneração, sabedoria e obediência, pelos Romanos e no cristianismo. Ela também era um símbolo muito utilizado pelos Egípcios por representar um povo obediente que seguia apenas um rei.

A Colméia na Maçonaria

Entre os símbolos maçônicos nos EUA, país que hoje conta com cerca de 4 Milhões de Maçons, se destaca a colméia. Chamada de símbolo da cooperação, porque ela demonstra claramente, que o homem deve cooperar com seus semelhantes para alcançar de um modo total, o mútuo desenvolvimento. Também encerra uma mensagem muito mais profunda, porque cada alma vivente é uma abelha que viaja pela vida e recolhe o pólen da sabedoria nos distintos ambientes e experiências. Assim como a abelha suga o mel do coração da flor, cada um de nós deve extrair o néctar espiritual de cada acontecimento, de cada gozo, de cada sofrimento, e levá-lo à grande colméia da experiência: o corpo-alma do homem. Da mesma

maneira, se diz que as energias espirituais no homem tomam, eternamente, as forças vitais que ele está transmutando e as leva à colméia do cérebro, onde é armazenado o mel necessário para a manutenção da vida.

A mitologia conta que os antigos deuses viviam de néctar, e não precisavam beber e comer como os homens. É realmente certo que o mel extraído ao enfrentar-se com os problemas do viver diário, é o alimento mais elevado para o homem. Enquanto comemos à mesa bem servida, seria bom considerar se o homem espiritual também não se nutre com as experiências e conquistas espirituais que vamos absorvendo a nosso ser, na existência.

Um filósofo da época socrática afirmou que a abelha extrai o mel do pólen da flor, enquanto a aranha, da mesma fonte, extrai o veneno.

O problema que então se nos apresenta é: somos abelhas ou aranhas nesta nossa peregrinação? Queremos transformar nossas experiências em mel ou em veneno? Queremos crescer e elevar-nos, ou seguiremos obstinadamente, debatendo-se com os mesmos obstáculos?

Muita gente se torna azeda com a experiência; o sábio, porém, toma o mel e o armazena dentro da colméia de sua própria experiência espiritual.

Conclusão

A Maçonaria é rica em símbolos e simbolismos, o que nos faz refletir o que somos e principalmente o que queremos ser.

Nós como Maçons devemos buscar através da troca de experiências realizar o crescimento pessoal de forma fraterna e unida.

Como na história bem antiga que conta:

Havia um grande incêndio na floresta. Preocupados, os animais fugiam da selva em chamas. Quando todos se encontraram em um lugar seguro, bem distante do fogo, ficaram apenas olhando. Eles sentiam que nada podiam fazer, pois o incêndio era enorme. No entanto, um pequeno colibri decidiu que tentaria apagar o fogo.

O pássaro foi até um rio próximo, pegou uma gota de água, sobrevoou a floresta em chamas e lançou a gota que carregava no bico. Enquanto ele ia e vinha, os outros animais lhe perguntavam: “O que você está fazendo? Nada podes fazer, tu és muito pequeno e este incêndio é muito grande”.

Alguns animais tinham bicos bem grandes, e não ajudavam.

Mas o colibri estava convencido que podia apagar o incêndio e continuou jogando pequenas gotas nas chamas que consumiam as árvores.

Ao final, diante da floresta queimada, o colibri disse aos demais animais que havia feito o melhor que podia.

Na mesma forma nós temos que ser como este colibri. Não podemos sucumbir diante das dificuldades. Temos que ser obstinados. E seguir levando água para apagar o incêndio, apesar dos outros animais.

Devemos unir nossas forças no intuito de cavar masmorras aos vícios que a cada dia que

passa vêm destruindo a sociedade em que vivemos. Vamos fazer como as abelhas operárias buscando o pólen de sabedoria e experiência no intuito de produzir o néctar da sabedoria. Vamos nos ombrear como as sementes da Romã para a formação de uma sociedade mais fraterna. 

Referência

[FAD] FADISTA, Antonio Rocha; O Simbolismo da Romã; disponível em http://www.maconaria.net/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=43;

[TR1] Revista a Trolha Nº 249, AS ROMÃS DA FRATERNIDADE, Irm Cid Antonio V. Filho; [PAT] PATON, Chalmers I; Freemasonry: It's Symbolism, Religious Nature e Law of Perfection;

Supremo Conselho do Grau 33º



• Campo Grande/MS

Investidura



Na Delegacia Litúrgica 27.1, e o M.: Pod.: Consistório PPrinc.: do Real Segr.: nº 25, o Delegado Litúrgico Irmão Isoli Paulo Fontoura, procedeu a Investidura dos Irmãos, Otacílio Fernandes Batista e Vanderlei Bruschi de Três Lagoas e Giuseppe Polisini Neto de Bataguassu, Estiveram prestigiando esta sessão os Irmãos Marcelo Alexandre da Silva – Pres.: do Consistório, Antonio Pionti – Pres.: do Kadosch, Walmir Guimarães Dias – Pres.: do Capítulo, Luiz Reis Junior – Tes.: da Del.: Lit.: e os GGr.: Insp.: CGR: Arlindo Pereti, de Bataguassu e os Élcio Gonçalves de Oliveira, Luiz Teixeira, Gilson Rodolfo Martins, Jorge Kenji Maki e Arlindo Perretti Galavea.

Será que vale a pena?

Irmão Antonio Felício Netto
Loja União e Fraternidade VI nº 6
Grande Oriente de Mato Grosso do Sul
Membro da Academia Maçônica de Letras de
Mato Grosso do Sul – Cadeira nº 17

Há muito escutamos que as vinte e quatro horas do dia devem ser subdivida em três partes de oito horas, onde uma parte atribuída ao trabalho, a outra ao lazer e as oito horas que restam ao sono.

Com o tempo, o sono já está sendo reclassificado como descanso, e com isso, não sendo mais computado as oito horas iniciais dormindo para que o nosso organismo metabolize os hormônios que são tão necessários para o relaxamento corporal e mental de maneira a atender o ritmo frenético e estressante dos dias atuais, mas são encaixados nessa classificação o tempo em que conseguimos ficar relaxados sem realizar qualquer tarefa.

Já de alguma forma furtando fações do período para um outro fim do que estabelecido originalmente.

No outro ponto, máximas como o pensamento atribuído a Confúcio: “ escolha um trabalho que você ame e não terá que trabalhar um único dia em sua vida” está cada vez mais sendo desvirtuado para um aumento excessivo da carga de trabalho, passando das oito horas para dez, doze e até mesmo as dezesseis horas unindo-a totalmente ao tempo que deveria ser dedicado ao lazer.

Se a definição de lazer se remete ao conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se a se divertir, entreter, investir seu tempo a um hobby ou a atividade de que gosta, transformar o trabalho em lazer se torna uma bela justificativa, esquecendo que este seria um período de se ocupar com outras atribuições como relacionamentos familiares, amizades, ler um livro, jornal, praticar exercícios físicos, entre outros, de forma a alimentar o corpo e a mente com outras funções também vitais para saúde de um ser humano.

Com isso, também surgem desculpas verdadeiras que nos ajudam a reduzir a culpa pelo não cumprimento da divisão correta do dia nos três períodos, tais como: “ é o instante de investir na

minha carreira e depois eu compenso”, ou “primeiro preciso garantir o futuro dos meus filhos e depois descanso” ou talvez “quando eu me aposentar terei muito tempo para descansar e curtir”. Mas será que vale a pena essa negligência neste instante?

Olhando para os acontecimentos que vem assolando nossa sociedade com a pandemia da COVID-19, vale mesmo a pena essa nossa correria desenfreada em busca de resultados e metas esquecendo dos laços fraternais e dos detalhes do prazer de uma boa leitura, de dar uma caminhada e, principalmente de uma boa conversa desinteressada com amigos e familiares?

Sabemos e temos a nossa obrigação de desempenhar com galhardia as nossas funções profissionais, o trabalho jamais deve ser esquecido, mas talvez a importância, dado a ele vem nos transformando em meros executores de ordem e perdendo a nossa essência humana do contato, afeto e convivência em sociedade.

Infelizmente o COVID-19 está antecipando a retirada de nosso convívio pessoas queridas, onde talvez elas tenham se dado diversas desculpas verdadeiras, ou, que nós tenhamos aplicado essas desculpas verdadeiras, onde ao invés de dinheiro ou uma roupa melhor, o que essas pessoas queiram era apenas um abraço, um momento junto contando piada, isto é, a nossa presença de corpo e alma. E isso nos faz refletir será que vale a pena?

Que possamos tentar utilizar essa fase tão difícil que estamos passando para retirar algum ensinamento e refletirmos, de maneira que ao final possamos ser os construtores de uma sociedade mais fraterna, saindo de um prisma de consumir para o de consumir.

Criando um ambiente mais saudável, menos egoísta, e, principalmente, onde que sejamos o mandatário de nosso tempo e não comandado por ele. Assim proporcionando uma vida de valha a pena. 

PARAMENTOS

Avental de Aprendiz GQB



- Confeccionado em cetim, napa e oxford
- Apresenta elástico traseiro para melhor fixação na cintura
- Conversível para um Avental de Companheiro

Avental de Mestre-Instalado do GQB



- Confeccionado em cetim e napa, com detalhes em dourado e bordado
- Apresenta elástico traseiro para melhor fixação na cintura

Avental de Venerável-Mestre



- Confeccionado em cetim, napa e oxford
- Apresenta elástico traseiro para melhor fixação na cintura

Avental de Mestre Maçon do Rito Brasileiro



- Confeccionado em veludo, napa e oxford
- Belíssimo acabamento e construção
- Apresenta elástico traseiro para melhor fixação na cintura

 (67) 99600-3636 / (67) 99293-5659

 @revistaconsciencia

www.revistaconsciencia.com.br

São João padroeiro da maçonaria: mas qual João?

Irmão Tiago Oliveira de Castilhos

Loja Sir Alexander Fleming nº 1773
Grande Oriente do Brasil - Porto Alegre/RS

São vários o João que acusam na história como Santos e Padroeiros de alguma entidade ou Instituição, no entanto, esta variedade não é tanta quando se trata do possível padroeiro da Maçonaria. Há três vertentes sobre o verdadeiro padroeiro da Maçonaria e por conta disso a dificuldade de se definir ao certo qual dos João é o padroeiro da Sublime Ordem. Tenho a minha preferência, e essa é a tônica dos artigos pesquisados, e após estudo na rede internacional de computadores é o que parecer ser a tônica das pesquisas, ou seja, a fonte de opção de qual dos João é o verdadeiro padroeiro dos maçons passa por uma escolha mais de ordem pessoal do que praticamente científica.

Corrobora com esta minha análise o que ensina o Irmão José Roberto Cardoso da Augusta e Regular Loja Simbólica Estrela D'Alva, nº 16, das Grandes Lojas Maçônicas do Distrito Federal, que publicou em seu Blog interessante artigo abordando a escassez de material na nossa cultura ocidental sobre o Patrono da Maçonaria ser, como cem por cento de certeza, São João Esmoler, ou de Jerusalém, como preferirem porque é a mesma pessoa.

Ressalta o autor que “No hemisfério sul há carência de documentos, obras literárias e científicas bem fundamentadas sobre a Arte Real para serem manuseadas e analisadas.”

Importante ressaltar que o texto referido do Irmão das Grandes Lojas Maçônicas do Distrito Federal apresenta base bibliográfica o que demonstra maturidade e responsabilidade acadêmica no trato do estudo sobre os mistérios da Sublime Ordem.

Para registro, as teorias antes aventadas de

que há três possíveis patronos da Maçonaria apontam da seguinte forma para cada um dos Santos. A primeira vertente aponta como padroeiro da maçonaria o João Batista, primo de Jesus Cristo, denominado batista por que era aquele que batizava no Rio Jordão e trazia a boa nova, qual seja, a vinda do nosso salvador Jesus Cristo.

Essa primeira corrente pode subdividi-la em duas, naqueles que associam João Batista como padroeiro de nossa ordem pela forma como foi morto, pois foi decapitado pela vontade e luxúria de Salomé, sobrinha do Rei, que queria ter com João Batista, sendo ele fiel a seus princípios negou a vontade da sobrinha do Rei, perdendo por conta dessa negativa a sua cabeça pela decapitação. Já a segunda, bem lógica por sinal, vincula o nascimento de João Batista em 24 de junho ao nascimento das Grandes Lojas Inglesas em 24 de junho de 1717.

Já a segunda vertente versa sobre João Evangelista, o discípulo de Jesus Cristo que escreveu três livros importantes do Livro da Lei, entre eles o Livro do Apocalipse. Essa teoria do João Evangelista como padroeiro vincula a data de 27 de dezembro como a data de seu nascimento. Coincidentemente, ambas as datas, tanto 24 de junho quanto 27 de dezembro vinculam-se o primeiro ao equinócio de inverno no hemisfério norte e o solstício de verão no hemisfério sul. Sendo estas datas então consideradas pela Maçonaria como de suma importância porque trata de um astro importante que emite luz, ou seja, o sol, contra as trevas, o que a Sublime Ordem combate.

A tradição versa sobre a comemoração das datas do deus Jânio que na forma pagã era

comemorada na data dos equinócios tanto de inverno quanto de verão, cultura pagã que o Cristianismo tratou de subtrair impondo datas comemorativas iguais, mas com cunho Cristão.

Nessa luta a igreja teve que adotar determinados costumes e incutir na cabeça dos soldados romanos a ideia de que Jesus havia nascido no mesmo dia em que nasceu o “Sol Invictus”. Aliás, a grande maioria dos deuses pagãos da antiguidade tinham seus nascimentos comemorados no solstício de Inverno.

A terceira teoria vincula como padroeiro da Maçonaria o Santo canonizado pelo Papa no século VII, chamado de São João Esmoler, ou São João de Jerusalém. Passo a explicar os motivos pelos quais me vinculo a esta teoria.

A história relata que no ano 500 D.C. na Ilha de Chipre, nasceu o filho do Rei que ao longo de sua vida dedicara a benevolência e benfeitorias, assim como ao exercício da ponderação e tolerância. Esse príncipe cresce e na vida adulta perde por doença grave esposa e dois filhos retomando com esta perda o antigo sonho de dedicar-se a benevolência. Com isso assume definitivamente o dom do sacerdócio, vinculando-se a Ordem Beneditina. Por suas obras vinculadas ao cuidado de visitantes que se lançavam a visitar a Terra Santa foi canonizado pelo papa no Século VII.

Já no século XI com as Primeiras Cruzadas houve a necessidade de amparar os fieis do Cristianismo que se lançavam a Terra Santa para a visita ao Santo Sepulcro porque havia na época saques e violência de toda ordem lançadas e decorrentes da guerra entre Muçulmanos e Cristãos.

A Ordem de Malta (oficialmente Ordem Soberana e Militar Hospitalaria de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta, também conhecida por Ordem do Hospital, Ordem de S. João de Jerusalém, Ordem de S. João de Rodes, etc.), era uma ordem católica que começou como uma Ordem Beneditina fundada no século XI na Terra Santa, durante as Cruzadas, mas que rapidamente se tornaria numa Ordem militar cristã, numa congregação de regra própria, encarregada de assistir e proteger os peregrinos àquela terra.

Então no ano aproximado de 1099 foi criada, na cidade de Jerusalém, a Ordem dos Templários Hospitaleiros, com cunho na história e

ensinamentos deixados pelo Santo Beneditino São João de Jerusalém, ou São João Esmoler. Esse Santo se aproxima da Maçonaria hora pela sua benemerência e pela criação da hospitalaria presente até os dias de hoje na Sublime Ordem. Em 1797 era comum o tratamento oficial entre Lojas Maçônicas da seguinte forma: ‘Da Loja do Santo João de Jerusalém, sob o nome distintivo de ____ Loja N° ____.

Questionamento realizado para o visitante nos trabalhos na Oficina. Também se aproxima da Maçonaria este Santo por conta da reconstrução dos templos destruídos dos Maçons que ele ordenou a reconstrução, vejamos que no:

No manual de Bezot, ele escreveu suas razões para pensar que este Santo era o patrono original da Maçonaria e, assim, o santo mencionado na Loja do Santo São João: Deixou seu país e a esperança de um trono para ir a Jerusalém, a quem ele generosamente ajudou e assistiu os cavaleiros e peregrinos. Fundou um hospital e organizou uma fraternidade para assistir aos cristãos doentes e feridos, e prestar ajuda pecuniária aos peregrinos que visitavam o Santo Sepulcro.

São João, que era digno de se tornar o patrono de uma sociedade cujo único objeto é a caridade, expôs sua vida mil vezes em prol da virtude. Nem a guerra, nem a peste, nem a fúria dos infiéis, podia impedir suas atividades de benevolência.

Mas a morte, finalmente, o impediu no meio de seus trabalhos. No entanto, ele deixou o exemplo de suas virtudes aos Irmãos, que fizeram seu dever esforçar-se por imitá-las.

Roma o canonizou com o nome de São João, o Esmoler ou São João de Jerusalém, e os Maçons – cujos Templos, destruídos pelos bárbaros, que ele fez reconstruir – o selecionaram por unanimidade como seu patrono.’

Esse texto foi escrito por um dos primeiros Maçons Franceses da História, conforme o artigo publicado pelo Irmão Bezot. São João Esmoler era conhecido pela propagação da ponderação e da tolerância. Na Alexandria resolvia conflitos com base nesses dois princípios que são elementos preponderantes na Sublime Ordem hoje

Todas as quartas e sextas-feiras João se sentava no banco do lado de fora da igreja, apaziguava brigas, arbitrava as disputas, dava conselhos,

ouvira as reclamações dos necessitados e procurava corrigir os erros e neutralizar o ódio que estavam prejudicando aquelas pessoas. Ninguém era insignificante para não ter a sua atenção. Desarmava sempre os inimigos usando sua humildade e as vezes até se ajoelhava a seus pés para pedir perdão.

São João de Jerusalém foi escolhido Padroeiro da Maçonaria porque seus ideais eram idênticos aos ideais Maçônicos como a fraternidade, a liberdade e a igualdade: “São João foi escolhido como patrono da Maçonaria devido aos seus ideais que combinavam com a doutrina maçônica. É por essa razão que todas as Lojas são abertas e dedicadas em sua homenagem. Logo, posicione-me no sentido de concordar com os Irmãos que se vinculam a teoria de que São João o Esmoler é o padroeiro da Maçonaria.

Eis aí, portanto, a razão das Lojas maçônicas, até hoje, serem conhecidas como Lojas de São João. Vem desses irmãos cavaleiros, não só a tradição arquitetônica, propriamente dita, aplicada especialmente na construção de asilos, hospitais, mosteiros e outras obras públicas, mas principalmente a atuação filantrópica que se observa na Ordem maçônica. Tanto que Lojas de hoje ainda se mantêm a tradição de nomear um irmão “hospitaleiro” para recolher as contribuições dos irmãos para o “hospital”.

Logo, desde então, se mantém a tradição de que as Lojas, quando iniciados os trabalhos e quando finalizados evoca-se a São João, sendo então João de Jerusalém, pessoa integra que dedicara a vida a fazer o bem as pessoas, como o exercício da ponderação, benevolência e a tolerância. Sejamos então mais tolerantes Irmãos. ☺

Grande Oriente do Brasil Mato Grosso



• Cuiabá

Loja Acácia do Pantanal nº 4.241



Instalação e Posse - A Comissão Instaladora

O Eminentíssimo Grão-Mestre Irmão Ivo Matias esteve presente na Loja Acácia do Pantanal nº 4.241, participando da Instalação do novo Venerável Eleito, Irmão Eder Campos Maia. O Venerável Mestre Irmão Celso Pereira procedeu a abertura dos trabalhos e repassando os trabalhos de Instalação a Comissão Instaladora composta pelos Irmãos; Presidente do Ir. Presidente Edson Trombini, 1º Vigilante Lúcio Martinis do Conselheiro Estadual, 2º Vigilante Aury Antônio Hoffman, Venerável Mestre da Loja VITRIOL, nº 4022. Estiveram presente os Irmãos Antônio Carlucio, Secretário de Interior e Relações Públicas do GOB-MT; Maurozan Cardoso Silva, novo Delegado Litúrgico do Rito Brasileiro; Sanclair Missa, Secretário Adjunto do Rito York; Eder Madruga, Assessor Especial do Grão Mestre Geral do GOB; Venerável Mestre da Loja Sentinela Cuiabana nº 3.718, Ituriel Araújo; Francisco (Chicão), Deputado Federal; José Roberto Hermann, Venerável Mestre da Loja João Borrvalho e vários Mestres Instalados, Mestres, Companheiros e Aprendizes.

Foto: Alberto Massashi Iwakura

Tolerância e hospitalidade

Irmão Vilemar F. Costa

A tolerância, pensar prático de matriz marcadamente cristã, apesar do rompimento iluminista, deriva um agir característico da sua origem religiosa, que é o viés paternalista em que o outro não é aceito como um parceiro igual, mas um subordinado, talvez assimilado e certamente mal interpretado em sua diferença, sendo então mais uma forma de caridade.

Uma caridade cristã que por si só não é neutra política e eticamente, o que marca sua inadequação de uso na ética e na política secular universal. E é em virtude de sua implicação religiosa, especialmente por ser religiosa com suas raízes profundas na concepção cristã, que a tornam exclusiva, dissociativa, o que derruba qualquer pretensão de universalismo, não podendo ser usada em todos os contextos, por sua moldura de referência normativa.

Recorremos à tolerância para que muçulmanos concordem em viver com judeus e cristãos, que o negro se inclua na sociedade branca, que a mulher aceite ser o oposto e não o complemento no mundo patriarcal, que o pobre seja “aceito” circular em alguns espaços reservados da burguesia.

A paz ideal desse ponto de vista será uma coabitação tolerante com cada um no seu quadrado.

Ao observarmos a História, esta revela que a tolerância está sempre do lado da razão do mais forte. Dessa forma, ser tolerante não vai tornar aqueles que se sentem excluídos, os infieis, os descrentes, os inimigos, os diferentes, mais incluídos ou melhor compreendidos. A tolerância é unilateral e pouco flexível.

A alternativa então é o seu oposto: A

Hospitalidade, a qual aponta mais diretamente a obrigação única que cada um de nós tem com cuidar do outro, com olhar o outro no mesmo nível do olhar.

E a Hospitalidade não consiste naquele mero convite - eu convido-o, dou-lhe as boas-vindas, sintam-se recepcionada e à vontade – porém SOB A CONDIÇÃO, normalmente implícita, de que você se adapte às leis e normas do meu espaço, do meu lugar, do meu “território”, de acordo com minha tradição, meus costumes, pois só eu mantenho o controle sobre os limites. Isto é uma tolerância, sob a capa de uma hospitalidade vigiada, parcimoniosa, condicional e condicionada. A Hospitalidade que refiro, é aquela assemelhada ao cuidar, ao cultivar, é aquela construção que consiste em abrir-se pura e incondicionalmente, para alguém não esperado, para o “estranho” visitante, para o diferente, o imprevisto e imprevisível outro. A visita pode até ser perigosa, e não devemos ignorar esse fato, mas a hospitalidade é uma abertura incondicional, assim como o perdão.

A Hospitalidade é o direito real, irrecusável de visitação do outro, uma forma de terapia de reconciliação. A hospitalidade é universalista, participante e fruto de um sistema participativo democrático republicano. É um processo que tem a necessidade constante de ser cultivado como demanda por melhoria da situação humana presente, como demanda por justiça e liberdade para todos, como demanda por participação e livre adesão. Por seu caráter incondicional, através da Hospitalidade abre-se a possibilidade de reconstrução do elo fundamental de confiança e comunicação entre as pessoas. 



Dr. José Alves Pereira CRM MS 1499
CIRURGIA GERAL E VIDEOLAPAROSCÓPICA
APARELHO DIGESTIVO E GASTROENTEROLOGIA
FONE (67) 3321-0562
Rua Antonio Maria Coelho, 3595 - Campo Grande/MS

OFTALMOLOGISTA
Dr. Elson Yamasato
CRM MS-2038
Rua Antonio Maria Coelho, 2880
CEP 79002-221 - Campo Grande/MS



Psicóloga
Clínica e Organizacional
Adulto, Casal, Adolescente, Avaliação Psicológica
Simone Viana Storti
CRP 14/00809-6
(67) 3321-0562 / **99925-2306**
Rua Antonio Maria Coelho, 3595 - Jd. dos Estados
CEP 79020-210 - Campo Grande/MS

Tributo ao obreiro útil e dedicado

Irmão Newton de Alcantara Filho

Publicado na Folha Maçônica n.º 206, de 22.08.2009, disponível em <https://bancadosbodes.com.br/folha-maconica-206-22-08-2009/>

Aquele que não precisa de cargos com nomes imponentes para se sentir mais importante e melhor do que outros Irmãos; aquele que não precisa de alfaías e medalhas para se achar mais belo e ser o centro das atenções; aquele que não precisa pedir a palavra apenas para marcar presença nas Sessões, pois o silêncio, no momento certo, vale ouro; aquele que aprendeu que na Maçonaria nada é mais importante do que a Loja à qual pertence; aquele que aprendeu que os bons exemplos são as melhores instruções na vida; aquele que aprendeu que o Maçom serve à instituição - não a grupos ou interesses pessoais; aquele que nunca teve medo de apresentar candidatos para a sua Loja; aquele que nunca recusou ou abandonou um cargo em Loja, sempre substituindo um oficial ausente quando a Loja precisa; aquele que nunca deixou de honrar a Loja com os seus metais; aquele que nunca deixou de votar por falta de frequência; aquele que não falta com a verdade quando faz uso da palavra em Loja; aquele que defende sempre a transparência sobre qualquer assunto ou atividade em Loja; aquele que não foge ao bom combate maçônico; aquele que nunca faltou a uma Sessão Magna em sua Loja; aquele que, quando recebe elogios, entende que é apenas um incentivo e maior responsabilidade, pois sempre há o que se melhorar na instituição e nós somos apenas uma das pedras; aquele que aprendeu que a divisão enfraquece, tomando sempre o cuidado de não dividir na Maçonaria; aquele que aprendeu que uma autoridade maçônica pode até ser processada no tribunal apropriado, porém nunca desrespeitada e achincalhada, sob pena de estarmos atingindo as próprias Lojas e a Instituição; aquele que sempre se portou como um Irmão e co-proprietário na sua Loja e na Maçonaria, nunca como um lacaios ou subordinado a quem quer que fosse, sem, contudo, perder o respeito às normas e regulamentos maçônicos; aquele que elogia, em público, o trabalho de um Irmão ou uma atitude nobre do

mesmo, sabendo não haver reciprocidade da outra parte; aquele que lamenta ao ver uma Instituição tão bela como a Maçonaria permitir infiltrações de pessoas que, embora façam parte dos seus quadros, jamais deveriam ter entrado, causando vergonha aos Maçons que pautam pelos bons princípios e costumes; aquele que, de público, tem a coragem de assumir os seus erros e pedir desculpas por suas falhas; aquele que nunca precisou usar cargo maçônico como forma de compensar frustrações por falta de ascensão social; aquele que não fala por achismo e, sim, por vivências, pesquisas e resultados estatísticos; aquele que não entrou e continua na Ordem com o objetivo de se dar bem; aquele que não acha que os Aprendizes e Companheiros devem ser tratados como sub-raça, sem, contudo, não transigir ou se omitir com os deveres, compromissos, exemplos e responsabilidades nas suas formações; aquele que jamais usou dinheiro maçônico em proveito próprio ou de algum familiar seu; aquele que aprendeu que o elogio deve ser em público e a repreensão em particular, exceto para quem agride em público; aquele que doa o seu conhecimento maçônico para a Instituição; aquele que nunca pediu ou exigiu cargo, porém sempre os exerceu com dedicação e seriedade; aquele que há muito tempo já compreendeu que as Lojas Maçônicas só crescem com muito trabalho, perseverança, passagem de experiência, e estudos maçônicos em alto nível; aquele que lamenta o fato de excelentes Irmãos terem deixado a Maçonaria desgostosos com a conduta e comportamento de alguns Irmãos, sem, inclusive, terem o direito de apresentar suas razões; e aquele que também viu muitos Irmãos, com pouco tempo de Maçonaria, não terem a humildade e a sensibilidade para perceberem que, antes de ensinar e criticar deveriam aprender trabalhando, ao invés de desrespeitarem os mais antigos que, no passado, contribuíram para que as suas Lojas chegassem ao desenvolvimento. 

E o reencontro?

Irmão Heitor Rodrigues Freire

Ex-Grão-Mestre Ad Vitam

Grande Loja Maçônica do Estado de Mato Grosso do Sul
Loja Amor e Caridade nº 65 GLMEMS - Campo Grande/MS

Penso que está na hora de voltarmos um olhar para o outro lado. Para onde iremos também, um dia. Na espiritualidade se encontram todos os nossos familiares, parentes, amigos, inimigos e adversários falecidos que reencontraremos quando lá aportarmos.

A dor e o sofrimento daquilo que pensamos ser a perda de alguém se transforma na alegria e no ganho do reencontro com nossos queridos que nos antecederam na grande viagem.

Assim, essa preparação nos permitirá chegar com consciência, já sabendo que a vida continua, que só passamos para o outro lado. Cada um já tem na espiritualidade muito mais gente lá do que cá.

A dor e o sofrimento pelos que se foram será substituída pela alegria do reencontro. Como será bom abraçar meu pai, minha mãe, meus irmãos, minha filha e demais parentes e amigos.

Está na hora de aprender a viver cá e lá. Para isso, é bom buscar orientação em nosso coração e com o nosso Mentor. Jesus disse: “A casa de meu Pai tem muitas moradas”.

A ciência esotérica tem no Caibalion, livro escrito por Três Iniciados, publicado pela Editora Pensamento, um rico conteúdo, onde estão codificados os Princípios Herméticos, que constituem a essência dos ensinamentos de Hermes Trismegisto, o Três Vezes Grande, que viveu no Egito Antigo.

Os Princípios são: Mentalismo, Correspondência, Vibração, Polaridade, Ritmo, Causa e Efeito, e Gênero. Destes, destaco o Princípio de Correspondência, que tem o seguinte axioma: “O que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima.”

Não é igual, é análogo.

Existe uma correspondência entre as leis e fenômenos de todos os planos de existência e de vida. O microcosmo humano é governado pelas mesmas regras que o macrocosmo universal e vice-versa.

Como já aprendi que uma das leis universais é a Lei do Trabalho, procuro me aperfeiçoar no que faço, para fazê-lo cada vez melhor e também para aprender mais.

No livro Minutos de Sabedoria, de Carlos Torres Pastorino, encontrei uma página que ilustra o aprendizado acima:

“Não limite o poder de sua vida!

Não pense que conseguirá tudo o que deseja numa só existência.

Mas confie, porque a vida é eterna, infundável. Não pense também que, depois desta, irá iniciar uma vida diferente: nada disso!

Esta mesma vida é que continuará sempre.

Portanto, procure aumentar seus conhecimentos e se aperfeiçoar, verificando como é rápido o momento atual, comparado com a eternidade!”

O entendimento dessa realidade proporciona alegria e libertação. A separação física é temporária. Pensem como será alegre e festivo o reencontro com nossos familiares.

É a continuidade verdadeira.

Para concluir, reproduzo aqui uma mensagem do Irmão José, psicografada por Carlos A. Baccelli, no livro Vigiai e Orai:

“MORTE

Não pranteéis em desespero aqueles que te antecederam na Grande Viagem.

A morte é indispensável à renovação de todos os seres e de todas as coisas.

Se não morrer, a semente de trigo não se transforma em pão.

A vida no corpo físico é simplesmente um estágio, dentre os muitos que o espírito efetua em sua jornada para Deus.

Sobre a Terra, os homens desfrutaram temporariamente da companhia uns dos outros – quando alguns espíritos chegam, outros partem, tornando à Pátria Verdadeira. A separação definitiva entre os que se amam jamais acontece.

Não questione os Desígnios Superiores com tanta amargura no coração!

Transfigura a dor da saudade em obras de amor consagradas à memória dos entes queridos que partiram”.

“Se compreendes, as coisas são como são; se não compreendes, as coisas são como são”. 

Consciência

Show Room em Campo Grande/MS

Pasta Venerável **Acácia I**

43cm Largura | 37cm Altura | 8cm Espessura



Visão da Pasta aberta para Venerável "**Acácia I**" e "**Oliveira I**", comporta um Avental sem precisar dobrar.

Pasta Mestre Maçom **Acácia II**

42cm Largura | 29cm Altura | 8cm Espessura



Visão da Pasta aberta Mestre Maçom "**Acácia II**", comporta um avental dobrado, para qualquer Grau Simbólico.

Pasta **Kit Aprendiz**



Adquira seu Kit de Aprendiz e ganhe o "**LIVRO PARA INICIADOS MAÇONARIA**"

1 Pasta Porta-Paramentos, 2 Pares de Luvas, 1 Avental de Aprendiz.

Na compra de mais de 10 conjuntos preços especiais.

Chapéu de juta personalizado com bordado



JÓIAS

Para aquisição do Pacote Completo com **23 jóias**, preços especiais



2º Vigilante
Ref. JO 04



Arquiteto
Ref. JO 06



Cobridor Externo
Ref. JO 07



1º Vigilante
Ref. JO 09



Venerável Mestre
Ref. JO 10



Bibliotecário
Ref. JO 12



Orador
Ref. JO 13



Mestre Harmonia
Ref. JO 14

Temos também todas as jóias disponíveis em Tom Prateado
Consulte nossos preços especiais de Paramentos Maçônicos de Aprendiz ao 33

VISITE NOSSO SHOW ROOM EM CAMPO GRANDE/MS

R. Inácio Gomes, 119 - São Lourenço - CEP 79041-231



**O Governo do Estado
está trabalhando para
ajudar os mais afetados
pela pandemia.**

ISENÇÃO DO IPVA 2022 PARA A FROTA DO TURISMO E DA ALIMENTAÇÃO

Bares e Restaurantes
optantes do Simples Nacional:
ICMS zero até o final de 2022.

Para quem não é optante:
redução da carga tributária de
7% para 2%.

Auxílio emergencial por
6 meses para guias de turismo,
agentes de viagem, MEIs ou
microempreendedores do
turismo e ambulantes da área
de alimentação.

E MAIS:

- **AUXÍLIOS EMERGENCIAIS**
- **ISENÇÕES E REDUÇÕES
TRIBUTÁRIAS**
- **MICROCRÉDITO**
- **CARTÃO-ALIMENTAÇÃO
MAIS SOCIAL**
- **OBRAS E INVESTIMENTOS
SETORIAIS**



**É a retomada investindo nos
setores que mais precisam.**

Saiba mais, acessando
www.ms.gov.br/retomadams



**GOVERNO
DO ESTADO**
Mato Grosso do Sul

**CRESCENDO JUNTOS
COM RESPONSABILIDADE**